



InvestCoop

Asset Management

Palavra do Gestor – Junho/2026

Conteúdo

Cenário Internacional	02
Cenário Brasil	03
Mercado de Renda Fixa	04
Estruturados	04
Mercado de Renda Variável	05
Principais Eventos nos Fundos	06
Resultado dos Fundos	08

Índices

Junho
2026

Em 12
meses

CDI	1,12%	14,78%
IGPM	-0,50%	3,18%
IPCA	0,16%	4,64%
IMA-B	-1,04%	8,26%
IRFM	0,69%	12,12%
IDA-DI	1,23%	14,92%
IBOVESPA	-1,01%	23,89%
DÓLAR	2,37%	-5,14%

Fontes: Anbima, IBGE, B3 e Banco Central

Internacional

Estados Unidos

O cenário econômico dos Estados Unidos em junho foi marcado por sinais contraditórios e pela transição na liderança do Federal Reserve (Fed), agora presidido por Kevin Warsh. Do lado geopolítico, a assinatura de um memorando de entendimento entre EUA e Irã estabeleceu um cessar-fogo de 60 dias e iniciou a normalização do fluxo no Estreito de Ormuz, derrubando o preço do petróleo WTI para a faixa de US\$ 70.

Embora a queda da *commodity* prometa aliviar componentes voláteis da inflação (como energia e passagens aéreas), ela não tem sido considerada suficiente para mitigar os riscos inflacionários internos de curto prazo. A atividade econômica norte-americana demonstrou resiliência ao registrar crescimento de 2,1% no último trimestre, sustentada por um mercado de trabalho firme, com taxa de desemprego estável em 4,3% e uma média de 111 mil vagas geradas nos últimos três meses. Ao mesmo tempo, o núcleo do PCE (inflação) segue pressionado pelo aumento da demanda por infraestrutura decorrente do *boom* de inteligência artificial.

Diante desse panorama, o Fed manteve os juros por unanimidade no patamar de 3,50% a.a. a 3,75% a.a., mas adotou um tom mais rígido (*hawkish*). A mediana das projeções migrou para 3,8%, indicando

que parte dos dirigentes já projeta ao menos uma alta de juros ainda em 2026. Sob a nova gestão, a autoridade monetária também sinalizou a intenção de reduzir a comunicação prospectiva, deixando os mercados altamente dependentes da divulgação de dados futuros.

Europa

Na Europa, as discussões macroeconômicas giraram em torno das pressões inflacionárias persistentes e do aperto monetário promovido pelo Banco Central Europeu (BCE). A autoridade monetária elevou a taxa de juros para 2,25% a.a. em um movimento sinalizado como não preventivo, dado que os riscos inflacionários foram explicitamente classificados como assimétricos para cima. O núcleo da inflação na Zona do Euro acelerou para 2,6%, pressionado pelo setor de serviços e pela perda de força do componente tecnológico como amortecedor desinflacionário, o que deve manter o indicador acima da meta até 2028.

Embora a expressiva queda nos preços globais do petróleo — decorrente do acordo entre EUA e Irã — traga algum alívio e reduza o ímpeto para novos aumentos contínuos, o cenário-base do BCE ainda contempla uma pausa em julho com a possibilidade de uma nova alta de juros em setembro. Adicionalmente, as autoridades continuam monitorando o risco energético para o próximo inverno, uma vez que os preços do gás natural continuam elevados e os estoques permanecem

abaixo da média sazonal, apesar do alívio imediato proporcionado pela reabertura de Ormuz.

China

O dinamismo econômico positivo observado na China no primeiro trimestre de 2026 não conseguiu se sustentar, apontando para um enfraquecimento generalizado da demanda doméstica do país. Dados recentes revelaram uma retração de 0,6% nas vendas no varejo em termos anuais, consolidando a primeira queda desse indicador desde dezembro de 2022.

O cenário é agravado pelo setor imobiliário, que aprofundou sua trajetória de contração, e pelos dados de concessão de crédito, que também vieram abaixo das expectativas do mercado. Essa desaceleração econômica deve atuar como um limitador para o avanço do núcleo da inflação interna chinesa. Por outro lado, os preços ao produtor vêm sofrendo pressões de custos associadas aos investimentos no setor de inteligência artificial, o que pode reduzir o papel da China como um vetor desinflacionário para o restante do mundo.

Brasil

No Brasil, o cenário econômico de junho refletiu uma combinação de resiliência na atividade doméstica, estresse nos mercados financeiros e crescentes incertezas políticas. O crescimento do PIB no primeiro trimestre surpreendeu positivamente,

impulsionado pelo consumo das famílias, mercado de trabalho aquecido, medidas de estímulo ao crédito e isenções tributárias. Esse dinamismo levou a uma revisão na projeção de crescimento econômico para 1,99% em 2026, segundo o Relatório Focus de 10/07/2026. Para 2027, contudo, espera-se uma desaceleração do PIB para 1,65%, reflexo da dissipação desses estímulos fiscais e da manutenção da política monetária restritiva.

O ambiente político também tem adicionado volatilidade, com as atenções voltadas para as eleições presidenciais de 2026. O governo atual tem focado em medidas econômicas para estimular o crédito e reverter sua baixa popularidade, enquanto a candidatura da oposição, encabeçada por Flávio Bolsonaro, enfrenta desorganização e conflitos internos após o vazamento de áudios de aliados.

No âmbito da política monetária, o Banco Central reduziu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual em junho, levando-a para 14,25% a.a. Contudo, a comunicação da autoridade monetária na ata do Copom gerou ruídos no mercado. Ao mesmo tempo em que reconheceu a piora do cenário com a desancoragem das expectativas e o aquecimento da atividade, o BC justificou o corte avaliando que os choques de oferta recentes tendem a ser passageiros. Devido à resistência da inflação de serviços e à atividade aquecida, projeta-se que os juros permaneçam em patamares contracionistas por um longo período, encerrando o ano de 2026 em 14,00% a.a., com espaço para redução a 12,00% a.a.

apenas ao final de 2027. No cenário fiscal e cambial, a expectativa base é de cumprimento das metas do arcabouço em 2026, embora o mercado aponte a necessidade de um ajuste estrutural das contas públicas em 2027 para frear o avanço da dívida.

Em relação à inflação, o IPCA registrou alta de 0,16% em junho, representando uma forte desaceleração em comparação à taxa de 0,58% observada em maio. Com esse resultado, o indicador oficial acumula alta de 3,36% no ano e de 4,64% nos últimos doze meses. O principal impacto altista no mês veio do grupo Habitação (variação de 0,63%), pressionado sobretudo pela energia elétrica residencial e por reajustes nas taxas de água e esgoto em diversas regiões. Em contrapartida, o grupo Alimentos e Bebidas apresentou a maior contribuição negativa, com queda de 0,24%, impulsionada pelo barateamento de itens como café moído, frutas e carnes. Embora a recente queda global no preço do petróleo traga alívio para a inflação de curto prazo, o acúmulo de choques — como os efeitos do fenômeno El Niño sobre os alimentos e a contínua resiliência do setor de serviços — levou a uma revisão para cima da inflação anual. As estimativas do Relatório Focus apontam que o IPCA deve encerrar 2026 em 5,16% e 2027 em 4,20%, reforçando o cenário de desancoragem das expectativas para prazos mais longos.

Mercado de Renda Fixa

O mercado brasileiro de crédito privado alcançou um novo ponto de equilíbrio em junho, influenciado diretamente pelas decisões de política monetária e pela permanência dos investidores na renda fixa. Embora o Comitê de Política Monetária (Copom) tenha promovido mais um corte de 25 pontos-base na taxa Selic, o impacto prático para o crédito corporativo permaneceu marginal, uma vez que os juros reais continuam em patamares elevados e limitando a geração de caixa das companhias. Como os ativos de risco, como a bolsa de valores, apresentaram um desempenho fraco no período, a renda fixa manteve-se altamente atrativa, resultando na manutenção de uma forte alocação dos investidores nessa classe de ativos.

Estruturados

Depois da crise envolvendo os bancos médios, que reduziu os prêmios pagos pelos CDBs, muitos investidores passaram a direcionar seus recursos para os FIDCs. Embora os CDBs continuem sendo o investimento de renda fixa mais procurado, com um estoque próximo de R\$ 2,8 trilhões, o mercado tem observado um crescimento expressivo dos investimentos em FIDCs. Essa movimentação também reflete uma mudança no perfil do investidor, que deixou de avaliar apenas a

rentabilidade para considerar, cada vez mais, a qualidade da estrutura que sustenta esse retorno.

Os CDBs contam com a proteção do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), que cobre aplicações de até R\$ 250 mil por instituição financeira e por CPF. Antes da crise, os bancos médios utilizavam essa proteção como argumento para oferecer prêmios bastante atrativos e conquistar investidores. No entanto, esses prêmios foram reduzidos e atualmente giram em torno de 106,9% do CDI, segundo a Quantum Finance, patamar significativamente inferior aos 115% a 120% do CDI praticados anteriormente.

Nesse contexto, os FIDCs ganharam destaque. Entre janeiro e maio, a captação desses fundos cresceu 36,5% em relação ao mesmo período de 2025, alcançando R\$ 41,7 bilhões. Com esse desempenho, os FIDCs ficaram atrás apenas das debêntures entre os principais instrumentos de captação do mercado de capitais, consolidando-se como uma alternativa cada vez mais relevante para investidores.

Mercado de Renda Variável

Em junho, a bolsa brasileira voltou a apresentar desempenho fraco, embora em intensidade bem menor do que em maio: o Ibovespa recuou 1,01% no mês, encerrando o período aos 172.024 pontos, e acumulou queda de cerca de 8,2% no segundo trimestre, apesar de ainda manter alta de

aproximadamente 6,8% no ano. O movimento refletiu uma continuidade da perda de fôlego observada desde abril, com o investidor estrangeiro reduzindo exposição à B3: segundo dados divulgados ao fim do mês, houve saída líquida próxima de R\$ 8 bilhões em junho. O pano de fundo seguiu desafiador: no exterior, o rali das ações de tecnologia nos Estados Unidos e em outros mercados asiáticos manteve a rotação global para ativos ligados à inteligência artificial, reduzindo o apetite relativo por emergentes e commodities; no Brasil, as expectativas de juros permaneceram elevadas, com o Boletim Focus do fim de junho apontando Selic de 14% a.a. e IPCA de 5,33% para 2026, reforçando a percepção de que o ciclo de afrouxamento monetário seria mais limitado. Além disso, ruídos fiscais, incertezas eleitorais e revisões de crescimento ainda moderadas mantiveram elevado o prêmio de risco local. Em suma, junho foi marcado por uma bolsa mais técnica e seletiva: menos pressionada do que em maio, mas ainda sem catalisadores suficientes para retomar uma tendência consistente de alta.

No recorte setorial, junho apresentou forte dispersão de retornos e uma clara preferência por empresas defensivas, com resultados previsíveis e menor sensibilidade ao ciclo econômico. Entre os destaques positivos, apareceram companhias de saneamento, seguros e infraestrutura: Copasa liderou as altas do Ibovespa no mês, com valorização de 14,3%, impulsionada pelo avanço do processo de

privatização; Caixa Seguridade subiu 11,3%, enquanto Porto e BB Seguridade avançaram cerca de 10%, beneficiadas pelo ambiente de juros elevados e pela atratividade de dividendos. Na ponta oposta, as maiores quedas se concentraram em empresas mais cíclicas, endividadas ou dependentes de uma retomada mais forte do consumo: CSN caiu cerca de 31% em junho e Magazine Luiza recuou 21,7%, refletindo preocupações com alavancagem, custo de capital elevado e deterioração das expectativas para setores como siderurgia, varejo discricionário, educação e parte de saúde. As commodities também tiveram papel importante na composição do índice: o petróleo Brent chegou a recuar cerca de 20% em junho, pressionando especialmente as empresas do setor de óleo e gás. Vale e outras companhias ligadas a commodities metálicas também contribuíram negativamente para o desempenho do índice, refletindo a deterioração do sentimento em relação à demanda global, enquanto a continuidade da rotação de fluxo para empresas de tecnologia no exterior reduziu o interesse relativo pelos mercados emergentes.

O universo de menor capitalização continuou exigindo elevada seletividade. Embora as *small caps* sigam negociando com desconto relevante — cerca de 8,8 vezes o lucro projetado, contra uma média histórica próxima de 13,1 vezes —, o ambiente de juros altos e o fluxo estrangeiro mais concentrado nas empresas de maior liquidez limitaram uma recuperação ampla do segmento. Dessa forma,

junho consolidou a leitura de que o mercado brasileiro entrou em uma fase de maior discriminação entre ativos: empresas defensivas, com forte geração de caixa e maior previsibilidade de resultados, foram privilegiadas, enquanto companhias dependentes de queda de juros, melhora do crédito ou expansão mais robusta da atividade seguiram sob pressão.

Principais eventos nos fundos

O nosso fundo mais conservador para reservas técnicas, ANS I, possui a carteira de investimentos totalmente alocada em LFT, vértices a partir de 2028, e compromissada (caixa). Essa última parcela representa 13,7% do patrimônio líquido. As Letras Financeiras do Tesouro tem sido objeto de bastante procura pelos investidores, o que acaba por contrair excessivamente os *spreads* acima da Selic. Como exemplo, o vértice mais longo, 09/2032, tem negociado a taxas de Selic+0,11% a.a.

Sobre o fundo Investcoop ANS II, como o mercado primário aumentou o número de emissões em relação a maio, porém a distribuição ao mercado permaneceu em patamares moderados refletindo a manutenção de um critério seletivo nas alocações. Destaque desse mês foi a redução do caixa em 10%, com alocação em títulos bancários, FIDCs e crédito corporativo.

O fundo Investcoop ANS III segue mantendo maior nível de caixa, próximo de 35% do seu patrimônio líquido, e atento às boas oportunidades de alocação. Como o cenário se manteve de pouca movimentação no mercado primário, o fundo aumentou a alocação em 2p.p. em letras financeiras.

O fundo Investcoop ANS V voltou a se destacar no mês, ao entregar rentabilidade de 116,7% do CDI em junho. O desempenho foi reflexo principalmente da continuidade da recuperação na precificação de Aegea e da contribuição positiva de Cosan.

O nosso fundo que investe essencialmente em crédito bancário, títulos públicos e compromissada, Investcoop Bancos, tem recebido mais aportes devido ao seu perfil conservador e à *duration* curta. Apesar disso, seu desempenho tem sido comparável aos fundos que investem em debêntures, apresentando rentabilidade de 102% do CDI em 2026.

O fundo Investcoop Livre I também voltou a apresentar forte desempenho, entregando rentabilidade equivalente a 112,2% do CDI em junho. Assim como no ANS V, o resultado foi beneficiado pela recuperação na precificação de Cosan e de Aegea. Ainda assim, a estratégia permanece pautada na manutenção de um nível de caixa mais elevado, permitindo ao fundo aproveitar eventuais oportunidades atrativas de alocação.

No segundo fundo destinado às reservas livres, Investcoop Livre II, houve redução de caixa de 25% para cerca de 20%, com foco em produtos bancários, especialmente em letras financeiras.

Resultado dos Fundos

FUNDO	Rentabilidade				Características			
	Mês	Ano	12 meses	24 meses	Duration (anos)	*Carrego a.a.	Emissores	PL (R\$mm)
ANS I	1,1%	6,9%	14,9%	28,9%	Selic+0,0%			
%CDI	98,8%	100,6%	100,6%	100,5%				
ANS II	1,2%	6,8%	14,8%	29,3%	1,8	CDI+0,38%	42	145
%CDI	106,9%	98,9%	100,2%	101,9%				
ANS III	1,2%	7,3%	15,3%	29,4%	2,1	CDI+0,86%	133	1.289
%CDI	110,2%	107,0%	103,3%	102,2%				
ANS Multi	1,2%	7,3%	15,3%	29,2%	2,2	CDI+0,82%	109	338
%CDI	110,5%	106,1%	103,2%	101,5%				
ANS V	1,3%	7,5%	15,4%	30,9%	2,2	CDI+0,83%	162	1.686
%CDI	116,7%	109,0%	104,4%	107,5%				
Bancos	1,1%	7,0%	15,1%	29,4%	1,0	CDI+0,10%	16	81
%CDI	102,1%	102,6%	102,5%	102,3%				
Livre I	1,3%	7,2%	14,9%	29,9%	2,2	CDI+0,73%	134	433
%CDI	112,2%	105,3%	101,0%	103,9%				
Livre II	1,2%	6,9%	14,6%	29,6%	1,7	CDI+0,58%	113	678
%CDI	103,9%	100,3%	98,6%	102,8%				

* Líquido de taxa de administração

Disclaimer

Este documento foi produzido pela InvestCoop Asset Management Ltda. com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. A InvestCoop Asset Management é uma instituição regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários para prestar serviço de gestão de carteira de fundos de investimentos. A InvestCoop Asset Management não se responsabiliza por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem inclusive ser atualizadas sem necessidade de comunicação. Leia o [Prospecto], o Formulário de Informações Cadastrais do Fundo, a Lâmina de Informações Essenciais e o Regulamento do Fundo antes de investir. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Este documento foi produzido pela InvestCoop Asset Management Ltda. e é de uso exclusivo do destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento pela InvestCoop Asset Management Ltda. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. Em caso de dúvidas, sugestões ou reclamações, entre em contato com o seu executivo comercial ou envie um e-mail para atendimento@investcoop.com.br